

A COMUNIDADE DE CAPÃO SELADO, BURITIZEIRO-MG E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO E NO ESPAÇO

Suzana Grazielle de Souza¹
Angela Fagna Gomes de Souza²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo abordar as transformações socioespaciais ocorridas na comunidade rural de Capão Selado, município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais, bem como analisar de que forma as mudanças econômicas, políticas e sociais modificam a relação tempo/espaço dos moradores locais. Para tanto foi realizada revisão bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas com os moradores locais visando identificar os impactos causados pela implantação de grandes empresas agrícolas nas proximidades da área rural da comunidade. Ao analisar o modo de vida dos moradores da comunidade de Capão Selado, buscamos compreender como a implantação das políticas públicas priorizou, sobretudo, o crescimento econômico do município, desconsiderando os valores culturais, sociais e ambientais, além de comprometer a sustentabilidade das comunidades tradicionais locais.

Palavras-chave: Modo de vida, Comunidade, Políticas públicas

Introdução

A partir de 1970 os governos federais e estaduais passaram a ampliar as atividades agropecuárias através do estabelecimento de políticas públicas que objetivaram o aumento da produção e da rentabilidade nos cerrados mineiros. Uma série de fatores contribuíram para efetivar esta ocupação, como programas que visavam melhorias de infra-estrutura e sua expansão para áreas pouco exploradas, somando a estes fatores o desenvolvimento de pesquisa e novas tecnologias que promoveram o surgimento de um mosaico de inovações exclusivamente voltadas para a agropecuária do cerrado.

Desta forma a produção agrícola se dá com importantes participações da ciência, tecnologia e informações. A paisagem bucólica, muito frequentemente associada à vida no campo, não é mais do que uma mera lembrança, sendo que tem aumentado cada vez mais a proporção da natureza social sobre a natural (SANTOS 1988).

Desta forma o espaço agrícola do município de Buritizeiro- MG vem passando por grandes mudanças, as populações tradicionais assistem a substituição dos cerrados pelas

¹ Profª. Adjunta da Universidade Federal de Alagoas em exercício provisório na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: angela fagna@ufu.br

² Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: suzanagrazielle10@gmail.com

florestas homogêneas de eucaliptos e pinos, a paisagem é transformada pelas diversas monoculturas como soja, café e demais produtos voltados à exportação. Neste sentido, o presente trabalho objetiva abordar as transformações socioespaciais ocorridas na comunidade Capão Selado, município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais, bem como analisar como as mudanças econômicas, políticas e sociais vêm modificando o modo de vida dos moradores locais.

No presente trabalho apresentamos um estudo bibliográfico sobre as formas de ocupação dos cerrados mineiro e as mudanças socioespaciais advindas deste processo. Realizamos também pesquisas de campo com o objetivo de identificar, mapear e dialogar com alguns dos moradores da comunidade em estudo. Inicialmente procedemos observações e anotações sobre o local pesquisado e, posteriormente, passamos então a valer-se da técnica de entrevista, a fim de compreender a realidade dos moradores, suas vivências e expectativas referentes a propriedade. Por meio das observações e entrevistas procuramos identificar as estratégias utilizadas pelos moradores da Comunidade Capão Selado para resistirem ao processo de modernização.

Para o desenvolvimento do artigo apresentamos, em um primeiro momento, uma breve discussão sobre a modernização do cerrado mineiro, em seguida um panorama da comunidade Capão Selado no contexto regional e local e, ao final, um debate sobre os impactos das políticas públicas de homogeneização dos cerrados no modo de vida dos moradores locais, bem como, suas estratégias de sobrevivências frente a estes processos.

Cerrado: espaço de mudanças e transformações geográficas

A modernização da região dos cerrados mineiro foi estimulada a partir da década de 1970 face ao apoio do estado que visava a ocupação econômica e sua integração à economia nacional. O estado atuou juntamente com o capital a fim de propiciar as condições necessárias para a expansão de alguns tipos de culturas comerciais tais como soja, café e algodão, enquanto as culturas de subsistência como mandioca, milho e feijão ficaram marginalizadas, assim as culturas agrícolas que tiveram maior desenvolvimento foram aquelas que adotaram o pacote de insumos industriais já as culturas tradicionais passaram por um período de desvalorização. Os programas das atividades agropecuárias se alargaram por diversos municípios do país através

das fronteiras agrícolas ou de financiamento para cultivo e modernização das atividades produtivas rurais. Na região Norte de Minas Gerais não foi diferente por ter obtido um considerável crescimento econômico, sustentado principalmente em novas tecnologias na pecuária e agricultura. Os programas de desenvolvimento tinham como finalidade originar uma dinamização do setor rural, integrada com outros setores da economia, sendo que estes privilegiaram a indústria, a agropecuária e o reflorestamento.

A implantação do Programa de Desenvolvimento dos Cerrado (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo Brasileiro de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), visavam o desenvolvimento de novas tecnologias para o cerrado:

Estes programas promoveram a capitalização da agricultura no cerrado contribuindo para que houvesse incremento da produção, juntamente com o aumento da produtividade, em consequência propiciando a competitividade desta agricultura em relação ao restante do país. (SHIKI, 1998, p. 34-35).

Antes destes programas, as áreas de chapadas e chapadões no cerrado eram menos valorizadas, bem como as áreas de campo, ambas eram utilizadas para a pecuária extensiva, pastagem e extrativismo vegetal. Com a implantação do Prodecer foi estimulada a implantação de várias empresas na região, propiciando uma nova reorganização no cenário agrícola das áreas cerradeiras.

Neste contexto os pequenos proprietários tiveram que se deslocar para outras regiões, muitos deles venderam suas terras ou foram expropriados, dando lugar a expansão da agricultura comercial. Desta forma, os impactos sobre as comunidades tradicionais como, por exemplo, a comunidade de Capão Selado, que viviam da agricultura de subsistência e da coleta de frutos do cerrado foi intenso. Muitos dos seus moradores abriram mão dos seus meios de produção, de onde tiravam as fontes essenciais para a sua sobrevivência, por não terem capital para investir na mecanização, tornando assim vítimas das empresas agro-industriais que se instalaram na região.

Grande parte das famílias tiveram que migrar para cidades próximas como Pirapora e Buritizeiro que encontravam-se desprovidas de infraestrutura básica para acomodar tal contingente populacional. Muitos camponeses resistiram na comunidade e intensificaram o laço de afeto com a terra, transformando-a em seu lugar de vivência, no entanto outros foram expropriados pelos grandes empresários.

Capão Selado: espaço de vivências e de transformações

O município de Buritizeiro está inserido na micro-região do Alto Médio São Francisco, no Noroeste de Minas Gerais, integra o conjunto dos municípios da RMNe-Região Mineira do Nordeste, com uma área de 7.253,25 Km², sendo o quinto maior município do Estado em extensão. Os dados do IBGE até 1960 apontam que 72% da população do município vivia em áreas rurais, porém de acordo com o censo 2000, apenas 16% continua a viver no campo, ou seja, o município vem assistindo um acelerado processo de urbanização devido a instalação das empresas capitalistas e a modernização da agricultura.

Situado à margem esquerda do rio São Francisco, o município é provido de um riquíssimo potencial hídrico Baggio (2002), sendo a bacia hidrográfica do rio Formoso (figura 01) uma das mais importantes.

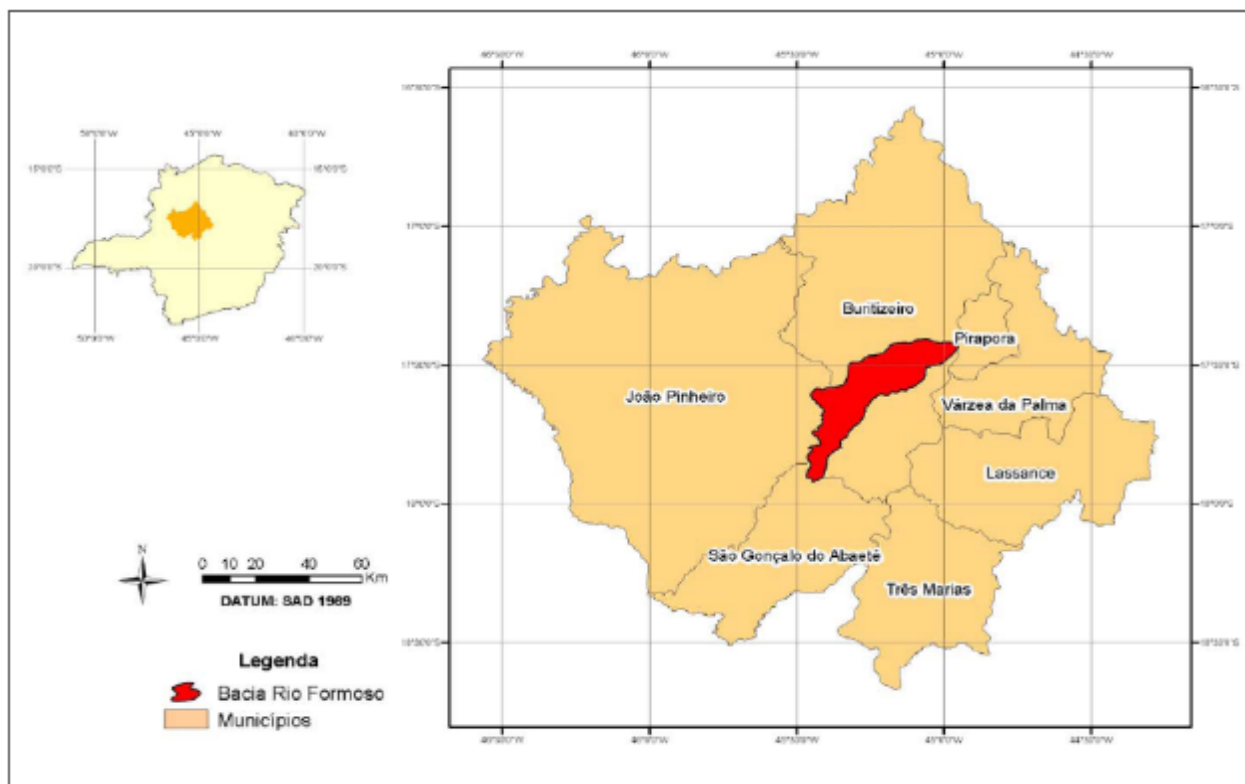


FIGURA 1: Mapa de localização da Bacia do Rio Formoso situada no município de Buritizeiro-MG.
 Fonte: Souza (2007, p. 46).

A malha rodoviária liga a região às maiores capitais do país, através da BR-365, um dos principais eixos rodoviários, no que diz respeito à logística de escoamento de produção agrícola nacional.

A comunidade em estudo está inserida no município de Buritizeiro-MG, distante aproximadamente 70 Km da sede administrativa do município, ela é constituída por sete famílias camponesas, que sobrevivem da pequena criação de animais, plantação de feijão, mandioca e milho (foto 01) e também colhem alimentos originados de frutos do cerrado.



Foto 01: Plantio de milho na comunidade Capão Selado.
 Autora: Suzana Grazielle de Souza, Mar. 2006.

Segundo relatos dos moradores eles chegaram na área e apossaram das terras sem ter documento, denominado “terra de ninguém”. *“Aqui as terras não tinham dono era tudo sertão, entremos e desbravamos e abrimos caminho.”*. (Senhor Messias)

Tal procedimento foi reproduzido por todo espaço agrário do sertão mineiro, como foi mencionado por Brandão (1995, p. 64).

O Senhor tolere isto, aqui é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais afora adentro eles dizem fim sem rumo terras altas demais do Urucuia. Toleirma para os de Corinto e de Curvelo então o aqui não é dito sertão.

Relacionando a fala do agricultor com as abordagens feitas por Brandão (1995), o sertão representa a terra sem dono, a mata impenetrável e distante, onde havia ausência de civilização, mas que aos poucos foram sendo conquistadas pelos camponeses que aprenderam a sobreviver neste espaço, tornando-o um lugar de vivência e aconchego.

O sertão é conquistado pelos índios e camponeses para dá lugar ao mundo onde se mora e trabalha é pouco lembrado pelos jovens, mas é uma lembrança viva na fala dos mais velhos. (BRANDÃO, 1995, p. 64)

Ao ser questionado sobre os primeiros moradores da comunidade, o agricultor respondeu: *“meu pai contava que o primeiro morador dessas bandas, depois dos bandeirantes foi Antônio Serunga, ele matou alguém lá em Coração de Jesus e veio morar aqui para se esconder da polícia”*.

Saint Hilaire (1975) afirma que no sertão, as leis perdem a força, por isso muita gente pra lá corre, seja para escapar da perseguição da justiça ou para usufruir uma liberdade maior.

Na década de 1960 o município de Buritizeiro apresentava características sócio-espaciais predominantemente rurais, a maior parte da população vivia e dependia economicamente das atividades agrícolas. As áreas de chapadas e chapadões no cerrado eram menos valorizadas, bem como as áreas de campo, ambas eram utilizadas para pecuária extensiva, pastagem e extrativismo vegetal.

Nas décadas de 1970 e 1980, este espaço foi utilizado para implantação de grandes latifúndios, com florestas homogêneas de *pinos* e *eucaliptos*. As práticas de reflorestamento e de carvoejamento ocasionaram a perda da vegetação nativa, que contribuíram fortemente para o desmatamento desordenado ocasionando a supressão da vegetação natural, aumentando as perdas na biodiversidade regional, gerando grandes conflitos por terra na região.

A desconfiguração da comunidade não ocorreu de forma pacífica, a população de Capão Selado foi vítima da violência motivada pela cobiça dos empresários, que tinham em mãos documentos que lhes atestava a posse da terra. Assim como aconteceu em outras regiões de Minas e do país, as pessoas procuraram reagir, mas se viram pressionadas de todos os lados. Para os moradores que já viviam há décadas no lugar, a justiça e a polícia estavam comprometidas com o interesse das empresas. O senhor Messias e outros moradores foram perseguidos, casas foram queimadas e muitos foram expulsos de suas terras, alguns resistiram como conta o Senhor Messias:

Começou com umas 80 famílias que moravam aqui, a terra não era comprada, era terra sem dono, teve gente que morreu por perder a terra. A Plantar chegou em 1974 e começou a pressionar as famílias para irem embora falando que tinham a escritura, que tinha comprado as terras. Tinha outras empresas PINUSPLAN, LIASA, RIMA, teve uma vez que a LIASA, 1985 queimou curral, rancho, mas Deus pôs a mão e um juiz socialista, em Pirapora, fez uma sentença pra nos ajudar.

Os camponeses que resistiram na comunidade de Capão Selado intensificaram o laço de afeto com a terra, transformando-a no seu lugar de vivência, no entanto outros foram expulsos vitimados pela violência dos grandes empresários, como constatado pela fala do agricultor.

Em Capão Selado constata diversos mitos e crenças herdadas de seus antepassados como enfatiza Senhor Messias:

Meu pai contava a história de um menino que morava em uma lagoa aqui perto, bem no meio da matona de cerrado, dá uns 5km daqui, ele fazia cara de choro sempre que a gente chegava perto, ele entrava dentro da água. Eu mesmo nunca vi e nem tomei banho na tal lagoa. A gente não acredita nisso, mas para que teimar.

As manifestações dos seres sobrenaturais que estas pessoas acreditam podem até parecer ingênuo a primeira vista, mas são justamente elas que dão sentidos e “significância” à vida dos habitantes da Comunidade Capão Selado. Esta relação significa a própria essência do conhecimento tradicional camponês e é o mais importante de um repertório que permite a reprodução do seu modo de vida.

Para Santos (2001, p. 88) “este cabedal de conhecimento é que precisa ser retomado e preservado pela ciência”, muito importante, uma vez que reproduz espontaneamente no suceder do cotidiano da vida, dando um novo sentido a ela e orientando suas ações”.

Espaços e lugares na comunidade Capão Selado

O processo descrito por Tuan (1983) referente a construção dos lugares mediante a qualificação do espaço, pode ser verificado na comunidade em estudo e explica, em grande medida, a própria persistência dos habitantes que permaneceram residindo na comunidade. O conceito de espaço proposto por Tuan (1983) esclarece as transformações ocorridas em Capão Selado, desencadeada pela instalação da monocultura na região. Segundo o autor:

O espaço transforma em lugar mediante o trabalho do homem de uso, ocupação e significação social, isto é, os espaços que vão sendo ocupados por um grupo social são decodificados e recebem qualificadores e significados advindos da cultura. (TUAN, 1983, p.142).

Na concepção de Tuan (1983), lugar e espaço estão intimamente relacionados, porém espaço é mais abstrato, enquanto lugar é identificado pelos laços de afetividade.

O espaço se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Espaço e lugar não podem ser definidos um sem o outro se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar e pausa. (TUAN, 1983, p. 6).

O espaço transforma-se em lugar quando dotado de sentimento, ele adquire uma definição e significado. Assim ocorre em Capão Selado, famílias que resistiram ao processo

modernizador estabeleceram um laço de afetividade com o lugar. Criaram estratégias de permanência e mantêm a pequena criação de aves, a agricultura de subsistência (foto 02) e suas tradições, como lembra o Senhor Messias: *“Aqui a gente reza terço, dança forró, conta história e faz folia; a gente mexe com folia para pagar a graça alcançada”*.



Foto 02: Pequena propriedade na Comunidade Capão Selado
 Autora: Suzana Grazielle de Souza, Mar. 2006.

É importante enfatizar como os moradores de Capão Selado conseguem preservar seus valores e seu modo de vida em meio ao vazio das monoculturas que visam apenas maximizar o lucro. Os empresários não possuem identidade com o lugar, não moram em suas propriedades, pois em geral possuem várias, portanto, não conseguem dimensionar a importância que a relação terra/morador desempenham para o morador local.

Salientamos que o capital não atingiu de forma homogênea o espaço rural, a explicação advém do fato de ocorrerem mudanças significativas, mas há comunidades que ainda resistiram a este processo de modernização, como é o caso da comunidade pesquisada. Mesmo considerando que houve elevação do consumo de tratores, máquinas e insumos agrícolas, a agricultura não está totalmente entregue a vontade da indústria:

A modernização e industrialização da agricultura brasileira têm sido intensas mas ainda continua a comportar segmentos tecnicamente atrasados. A forma tradicional permanece junta as novas formas. (RODRIGUES, 1999, p. 85-91).

O empreendimento capitalista opera no campo brasileiro produzindo gêneros para o mercado externo, enquanto a agricultura campestre, ou de pequena escala, fornece os gêneros alimentícios básicos para o mercado interno.

Grande parte dos camponeses que residiam nas áreas rurais de município de Buritizeiro, como as famílias de Capão selado, perderam suas terras, pois ocupavam terras devolutas, que foram cedidas pelo Estado para empresas capitalistas. A população presenciou grande alteração de seu modo de vida, como descreve o Senhor. Messias, morador da comunidade a mais de 50 anos:

Foi vindo gente de São Paulo e Rio de Janeiro, comprando e invadindo pra soja e cafezais, ninguém é daqui, um filho de Buritizeiro não é um grande produtor, foi vantagem vir pra Buritizeiro, eles não pagam imposto e recebem incentivo. E nós? Não é nossa riqueza enriquecendo os outros? E qual a nossa vantagem?.

Sendo assim, a modernização apoiada pelo estado não beneficiou os pequenos agricultores, que permaneceu com baixo nível de escolaridade, qualificação e sem acesso a tecnologia. É possível ponderar que as políticas adotadas não tiveram caráter social, pois não consideraram o bem estar das comunidades rurais, o crescimento econômico prevaleceu, apoiado em um discurso desenvolvimentista, tendo como consequência a acumulação de capital.

Considerações Finais

O município de Buritizeiro, a partir de 1970 passou a contar com o apoio do Estado e do capital externo para promover a modernização da agricultura que provocaram danos socioculturais e ambientais a muitas comunidades tradicionais, colaborando para o fortalecimento de latifúndios, a expropriação e a exclusão do pequeno produtor rural.

Ao analisar o modo de vida dos moradores da Comunidade Capão Selado, através da estruturação do seu espaço e dos impactos ocasionados com a instalação de empresas oriundas de regiões de Minas Gerais e de outros Estados do Brasil, é possível afirmar que as políticas adotadas não geraram melhorias sociais, ao contrário, caracterizaram-se pelo estímulo a difusão de tecnologias modernas, provocando o êxodo rural e o enriquecendo de um grupo que não pertence ao lugar.

A Comunidade Capão Selado presenciou a destruição da vegetação nativa que foi transformada em carvão, o reflorestamento do eucalipto e pinos, a expansão do cultivo de soja e principalmente parte dos moradores migrando para área urbana, desprovida de qualquer assistência. Em nome de um “desenvolvimento”, o Estado aliado ao capital, cometeu violência expulsando famílias, queimando casas como foi relatado pelos moradores da comunidade. Os aspectos destacados deram sustentação para analisar o ponto central da discussão desse estudo, a resistência das sete famílias, enquanto modo de vida camponês, seu espaço de vivência e as transformações ocorridas.

Conclui-se diante do estudo que a implantação de políticas públicas com ênfase no crescimento econômico no município de Buritizeiro desconsiderou os valores culturais, sociais e ambientais, comprometendo a sustentabilidade das comunidades tradicionais. A comunidade foi mais uma vítima da maneira como o capitalismo administra a produtividade agrícola voltada para a exportação. Faz-se necessário reavaliar o modelo de desenvolvimento rural adotado no Brasil que vem propiciando o empobrecimento de uma grande massa populacional em favor dos grandes empresários, além da necessidade de elaborar diretrizes coerentes que possibilitem alternativas sustentáveis, sendo primordial a participação da população e dos órgãos públicos, uma vez que estes estão a serviço da população.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 2 Ed. São Paulo: Hucitec/Edunicamp, 1992.

BAGGIO, Hernando. **Alterações na paisagem natural e agrícola no município de Buritizeiro-MG: Implicações da monocultura de pinus e eucaliptos**. Dissertação (mestrado) Instituto de Geociências - UFMG. Belo Horizonte, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Afeto a terra**: Imaginarias sensibilidades e motivações de relacionamento com a natureza e entre meia ambiente agricultores e criadores do bairro dos pretos. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1999.

KAGEYAMA, Ângela. O Novo Padrão Agrícola Brasileiro do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais. In: _____. **Agricultura e Políticas**. Brasília: IPEIA, 1990.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A Renda da Terra. **Orientação**, n. 5, IGEOG-USP-São Paulo, p. 94-96, 1984.

_____. **A Geografia e a Luta no Campo**. 10 Ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando a Geografia).

RODRIGUES, Luciene; OLIVEIRA, Marcos Fabio Martins. **Capitalismo da Gênese a Crise Atual**. 2 Ed. Montes Claros: Unimontes, 1999.

_____. **Formação Econômica e Social do Norte de Minas**. Montes Claros: Unimontes, 2000.

SANTOS, Milton. O Meio Técnico-Científico. In: _____. **A Urbanização Brasileira**. 2 Ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. P. 35-49.

_____. **A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência**. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.

SAINT HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Nascente do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: ed da Universidade de São Paulo, 1975b: 76/77

MESSIAS, Afonso Veloso. Buritizeiro Abril/2006. Entrevista concedida a Suzana Grazielle de Souza.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **ESPAÇO GEOGRÁFICO, UM HÍBRIDO: a atividade cafeeira e a utilização do meio técnico científico nos Cerrados de Buritizeiro-MG**. 2007, 111F. Trabalho de Conclusão de Curso, Unimontes: Pirapora, 2007.